



## A importância das teorias latino-americanas na construção de uma percepção própria.

Alicia Bastos<sup>1</sup>

Em uma analogia ao filme Matrix (1999), os europeus seriam os agentes, responsáveis por estabelecer as novas diretrizes políticas, econômicas, sociais e culturais. E a matrix seria a naturalização de todas essas coisas. Mas, como cita o personagem Morpheus: “matrix é controle”. A colonialidade também é sobre controle. E como a matrix e o capitalismo, ela sobrevive, porque se atualiza constantemente. Utilizada como um mecanismo de controle e dominação, a colonialidade do poder, é, acima de tudo, a imposição, em escala global, dos valores já existentes nas relações entre os grupos étnicos que compunham o território da Europa.

\*\*\*

Não precisamos ir longe para saber o quanto estamos sempre seguindo uma narrativa que nem sempre dialoga com as nossas experiências no mundo, enquanto latino-americanos. Desde a escola, ouvimos sobre o Iluminismo, a Revolução Industrial, ouvimos sobre o funcionamento das sociedades na Grécia e em Roma... assuntos tão distantes do Brasil, e da América Latina. Parece que a nossa história só começa quando a carta de Pero Vaz de Caminha é escrita, ou quando Colombo pisou em terras caribenhas, não é?

Mas as coisas não funcionam assim, exatamente. Desde a década de 50, nas Ciências Sociais, há reflexões importantes sobre a posição teórica do lugar da América Latina, tanto no sistema capitalista como um todo como, também, do ponto de vista epistemológico.

Mas, um movimento que gostaria de destacar como extremamente importante para o nosso conhecimento sobre nós mesmos se iniciou nos anos 90, por meio do empreendimento de intelectuais latino-americanos, que decidiram analisar a nossa própria história com base em outra lupa. Agora, não nos analisamos a partir do referencial europeu, como se fossemos apenas o “outro”, e não nós. Porque é isso que a colonialidade quer que pensemos. A chave do pensamento decolonial, representado por autores como Aníbal Quijano, Rita Segato, Maria Lugones, Walter

---

<sup>1</sup> Graduanda em História pela UERJ e Bolsista de Extensão do LPPE

Mignolo e outros, é extremamente importante para nós. E possui uma riqueza gigante: podemos, a partir disso, encarar o nosso passado colonial de forma mais crítica, entendendo as suas repercussões contemporâneas.

Sabe quando dizem que, no atual sistema capitalista, somos países emergentes? Países de terceiro mundo? Vocês acham que isso é coincidência? Não é. E é sobre isso que Edgardo Lander se propõe a discutir, juntamente com outros intelectuais, em “A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas” (2005). É importante nos colocarmos em perspectiva, no lugar da primeira pessoa, até mesmo para pensar em como resolver os nossos conflitos no tempo presente. Como superar a violência de gênero, especificamente brasileira ou latino-americana? E o racismo? A perseguição contra negros, indígenas e outras minorias? Por meio da aliança entre teoria e prática. Mas antes de agirmos, a orientação sobre a nossa própria história é fundamental. Obviamente, o binômio Modernidade/Colonialidade é apenas uma das possibilidades de enfrentamento e de análise de nossa história. Somos livres para criar outras. Mas é necessário reconhecer o seu protagonismo e olhar para nós mesmos com orgulho e como forma de inspiração.

Nós, enquanto latino-americanos, seguimos uma imagem inventada como se fosse nossa e como pertencente unicamente a nós. Assim, enxergamos aquilo que não somos e, por isso, não resolvemos as nossas verdadeiras questões. Trata-se de uma alienação dos colonizados.

Os autores decoloniais, nesse caso, expandem os nossos horizontes ao nos mostrar que, com muito esforço, é possível desatar esses nós e irmos de encontro ao nosso próprio rumo - não ao caminho que o colonizador quis traçar por nós e para nós.

Indicações:

BALLESTRIN, Luciana. “América Latina e o giro decolonial”. In: Revista Brasileira de Ciência Política, n. 11, p. 89-117, 2013.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires, CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. pp. 117-142.

**Exemplo de como citar:** BASTOS, Alícia. **A importância das teorias latino-americanas na construção de uma percepção própria.** 2022. Disponível em: <https://www.lppe.uerj.br/interativo>. Acesso em: 21 jan. 2023.